

**A REPRESENTAÇÃO DO TRAUMA EM “O TIO NOVELO EM
CONNECTICUT” DE J. D. SALINGER**
*THE REPRESENTATION OF TRAUMA IN “UNCLE WIGGLY IN
CONNECTICUT” BY J. D. SALINGER*

Bruna Alessandra Kindinger ¹

Universidade Federal do Paraná

Resumo: O trauma é um elemento recorrente nas obras de J. D. Salinger e pode ser especialmente observado a partir de uma análise literária minuciosa. Neste sentido, considerando que a narrativa possui o potencial de promover determinadas representações, busca-se nesta pesquisa investigar como o referido fenômeno é retratado na protagonista do conto “O Tio Novelo em Connecticut” (2020). Por se tratar de um tema interdisciplinar fez-se necessário estabelecer um diálogo com outras áreas do conhecimento humano para que fossem definidas algumas das principais características tanto no âmbito da narrativa quanto das manifestações emocionais e comportamentais da personagem. Para tanto, este estudo contemplou em maiores proporções as considerações de Laurie Vickroy (2015) acerca do trauma neste gênero literário e de Bessel Van der Kolk (2007) sobre potenciais indicativos deste distúrbio psicológico presentes na obra. Assim, pôde-se perceber não apenas a presença de elementos que denotassem o estado traumático da protagonista, mas ainda o modo como Salinger manejou sua escrita, inconscientemente ou não, de forma a firmar tal interpretação.

Palavras-chave: J. D. Salinger; O Tio Novelo em Connecticut; Trauma; Representação.

Abstract: Trauma is a usual element in J. D. Salinger’s works and can be specially observed by a meticulous literary analysis. In this sense, considering that the narrative has the potential to promote certain representations, it is aimed in this research to investigate how the referred phenomenon is portrayed in the protagonist of the short story “Uncle Wiggly in Connecticut” (2020). Since this is an interdisciplinary theme it was necessary to establish a dialogue with other human knowledge areas to define some of the main characteristics both in the narrative and in the character’s emotional and behavioral manifestations. In order to that, this study contemplates in greater proportions the considerations of Laurie Vickroy (2015) about trauma in this literary genre and Bessel Van der Kolk (2007) concerns on the potential indications of this psychological disturb. Therefore, it was possible to notice not only the presence of elements that denoted the protagonist’s traumatic state but also the way Salinger operated his writing, unconsciously or not, to consolidate this interpretation.

Keywords: J. D. Salinger; Uncle Wiggly in Connecticut; Trauma; Representation.

Submetido em 19 de janeiro de 2021.

Aprovado em 05 de julho de 2021.

¹ Pesquisadora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: alekindinger@gmail.com

Introdução

Aclamado por seu romance *O Apanhador no Campo de Centeio*, J. D. Salinger é um escritor estadunidense conhecido por trabalhar com temas que refletem diretamente a complexidade da condição humana. Suas personagens que estão sempre relacionados, mesmo que em indiretamente, com a guerra revelam como a brutalidade de um mundo dominado por injustiças e falsidade pode trazer consequências irreparáveis para os sujeitos. Este é o caso de Eloise Wengler, a protagonista de “O Tio Novelo em Connecticut” (2020), que vendo-se sem seu grande amor abdica do presente para viver das doces memórias de seu passado.

Publicado originalmente na revista *The New Yorker* no ano de 1948, um pouco depois do final da Segunda Guerra Mundial, esse conto faz parte, atualmente, de um conjunto de obras selecionadas pelo autor que compõem o livro *Nove Histórias* (2020), lançado em 1953. Único com vozes exclusivamente femininas, “O Tio Novelo em Connecticut” narra sobre o encontro entre duas ex-colegas de universidade que, inevitavelmente, acabam conversando sobre o passado. Em meio aos diálogos, Eloise revela pela primeira vez para a sua amiga como foi que Walt, o amor da sua vida, veio a falecer. Pouco depois, Ramona, a filha da protagonista e peça fundamental para a história, retorna de uma de suas brincadeiras e conta que seu namorado imaginário morreu em um acidente. Neste ponto, os paralelos entre as histórias amorosas de mãe e filha acabam por colocar em evidência como o trauma de Eloise culminou em sua própria miséria, fazendo com que ela, alguém que tinha grandes chances de ser bem-sucedida romanticamente e profissionalmente, acabasse em um casamento infeliz e com sua potencialidade desperdiçada.

Apesar de em uma leitura superficial a história parecer um tanto simples, sem grandes reviravoltas, se analisada cuidadosamente é possível que identifiquemos não apenas questões relacionadas à própria sociedade, época e desenvolvimento das personagens, mas também acerca das dificuldades e dilemas que envolve “ser humano”.

No que se refere ao aspecto que se pretende explorar neste estudo, o trauma, ou melhor, as consequências dele aparecem no referido conto como uma forma de demonstrar os efeitos da guerra mesmo naqueles que não estavam necessariamente em combate. Segundo Laurie Vickroy (2015), escritores que lidam com personagens que passaram por experiências traumáticas geralmente veem esse fenômeno como um indicador de injustiças ou opressões sociais. Neste sentido, compreende-se que a

repetição e aparente importância ao qual Salinger atribuí para essa questão possibilita interpretá-la como uma insatisfação pessoal com as condições e eventos que ocorriam no contexto em que esteve inserido.

O objetivo desta pesquisa, portanto, está em investigar como foi desenvolvida a representação da condição traumática da protagonista de “O Tio Novelo em Connecticut” (2020) tanto a partir de suas próprias manifestações quanto por meio dos mecanismos narrativos utilizados. Para tanto, serão apresentados nas seções seguintes, respectivamente, os entendimentos que conduzem este estudo, a análise literária e, por fim, as conclusões.

Por se tratar de um tema interdisciplinar é possível que se criem diálogos com outras áreas do conhecimento humano. O que, por conseguinte, permitiu que as discussões tanto sobre o tema quanto sobre a obra pudessem ser ampliadas. Isso porque mesmo partindo de perspectivas diversas as contribuições convergem entre si. Segundo Vickroy, além de cada área oferecer recursos que possam vir a ser pertinentes umas às outras, “A ficção tem um importante papel em representar muitos dos desafios sociais e psicológicos aos quais nos deparamos; e, auxiliados pelas teorias sobre trauma, narrativa e cognição, podemos verificar [...] como esses textos envolvem seus leitores [...]” (2015, p. 2, tradução minha).

1 A representação, a narrativa e o trauma

“Tendo participado das piores batalhas da II Guerra Mundial, Salinger presenciou o que há de mais abominável no centro do que costumamos chamar de civilização” (CARVALHO, 2013, p. 10). Entretanto, para que possamos avançar na questão do trauma na escrita de Salinger faz-se necessário destacar que esta será encarada enquanto uma representação pertencente à esfera literária. Tal perspectiva baseia-se na ideia de que mesmo quando há relações lineares da história com o seu autor ao se fazer uma *leitura literária* o objeto adquire proporções que não se resumem – nem necessariamente interessam – às meras correlações entre as experiências do escritor e da protagonista.

É nesse sentido que, em se tratando da noção de *relato*, Theodor Adorno (2003) propõe que a literatura deve ser vista não como um produto que retrata a realidade, mas algo que se constrói *a partir e apesar* dela. Em um sentido histórico, “Assim como a pintura perdeu muitas das suas funções tradicionais para a fotografia, o romance as perdeu para a reportagem e para os meios da indústria cultural, sobretudo para o cinema”, o que

significa dizer que “O romance precisaria se concentrar naquilo de que não é possível dar conta por meio do relato” (ADORNO, 2003, p. 56). É por esse motivo que as obras literárias não devem estar preocupadas em serem fidedignas à realidade. Na visão do teórico, apesar de em um contexto pós Segunda Guerra Mundial a literatura ter se aproximado, de certo modo, de uma composição mais focada nos *factos* do que permitiria aquilo que compreende por *ficção*, ainda assim, seria inviável tentar atingir uma “essência verdadeira”.

Como pôde-se perceber, a relação entre autor e obra não é tão simples quanto parece, podendo as próprias experiências, perspectivas e descrições das personagens serem meros mecanismos literários ao invés de uma exposição pessoal (EAGLETON, 2020). Isso porque apesar da verossimilhança entre certos acontecimentos e pelo desenvolver da história, a narrativa não deixa de ser apenas um recorte. Por menor que seja o aspecto que se pretende representar, este sempre será uma dentre tantas as variáveis que existem nas interpretações daquela mesma realidade.

Vê-se, pois, que a elaboração da narrativa não deve estar preocupada em capturar nenhuma “verdade” já que, além de impossível – afinal, *o que é a verdade?* –, no caso da ficção ela também desconfiguraria o seu caráter literário. “Ela [a narrativa] mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 2012, p. 205). Deste modo, traços do escritor podem, evidentemente, ser percebidos em suas produções, contudo, a independência do objeto artístico deve superar essas interligações.

De acordo com Vickroy, através de um estudo da narrativa é possível identificar como os autores constroem e manipulam os mecanismos textuais para alcançar seus objetivos. Na literatura sobre trauma alguns desses “[...] métodos incluem mostrar como a cognição, emoção e comportamento das personagens são moldados pelo seu sofrimento (VICKROY, 2015, p. 20, tradução minha). Logo, conforme mencionado anteriormente, a busca que se pretende realizar nesta pesquisa concentra-se em encontrar essas características que viabilizam a representação do trauma no conto de J. D. Salinger.

Analogamente ao seu sentido na medicina, o termo “trauma” é compreendido dentro da psicologia também como um choque, porém, neste caso, referente ao campo psíquico (RUDGE, 2009). Dependendo do nível de gravidade da lesão maiores serão os desarranjos na forma com que o indivíduo passa a se comportar e a se entender dentro do mundo. Isso decorre do fato de que “O trauma é uma resposta do indivíduo a eventos de

tamanha intensidade que suas funções cognitivas e emocionais se tornam prejudicadas [...]” (VICKROY, 2015, p. 6, tradução minha). Desta maneira, uma mesma situação, por mais avassaladora que seja, não garante que seu impacto será equivalente em cada indivíduo.

Conforme comenta a pesquisadora Ana Maria Rudge (2009), isso deve-se pelo fato de que o fenômeno não está necessariamente relacionado ao evento, mas em como ele é processado por aqueles que o vivenciaram. Isto é, não é o episódio em si que irá determinar uma situação traumática, mas sim a forma como cada sujeito *experencia* esse mesmo acontecimento. Outro fator importante está na própria questão do tempo. Para o psiquiatra Bessel Van der Kolk (2007, p. 7, tradução minha), “A síndrome pós-traumática é o resultado de uma falha do tempo em curar todas as feridas”. Como veremos a seguir, no caso de Eloise mesmo após passados anos da morte de Walt, ela permanece sofrendo pelo episódio e tentando viver através de suas memórias. O abalo emocional impossibilitou-a de reagir e fez com que, conseqüentemente, se aprofundasse em um estado de alienação tanto de si quanto daqueles ao seu redor.

2 “Eu era uma boa menina, não era?”

Antes de adentrarmos propriamente na análise de “O Tio Novelo em Connecticut” (2020) vale mencionar que, embora o propósito desta pesquisa seja identificar os elementos do trauma, este conto não se trata de *trauma literature* (algo como uma “literatura sobre trauma” ou “literatura traumática”). A justificativa é a de que, como explica Vickroy (2015), esse gênero literário é escrito *com ciência* tanto sobre o fenômeno quanto das técnicas narrativas que podem ser empregadas para melhor representá-lo. Deste modo, por mais que o trauma faça parte da essência humana apenas recentemente ele começou a ser estudado² e abordado literariamente com maior propriedade. No entanto, conforme complementa o estudioso, os textos pós-guerra, tal como estudado, já apresentavam certas perspectivas e mecanismos textuais acerca desse tema e podem ser vistos como precursores daquilo que veio a ser chamado de *trauma literature*.

Um dos primeiros aspectos que Vickroy destaca sobre a construção da prosa narrativa nesse gênero literário está na criação de uma sensação de conflito, de forma que,

² Para se ter uma noção, Jean Martin Charcot foi o primeiro médico a identificar, no final do século XIX, essa condição enquanto um distúrbio mental, mas foi somente depois da Primeira Guerra Mundial que o tema começou a ganhar maior interesse dos cientistas (RINGEL, 2019). É a partir da década de 70, porém, que efetivamente houve uma melhor compreensão desse fenômeno no campo científico (VICKROY, 2015).

ao aguçar o interesse dos leitores, os leve a criar comparações entre as personagens. Em “O Tio Novelo em Connecticut” as sugestões de contraste entre o comportamento de Eloise com o de Mary Jane aparecem logo no início da obra no motivo pelo qual cada uma abandonou a universidade.

Vinte minutos depois, as duas terminavam de beber seus primeiros *highballs* na sala de estar e conversavam daquela maneira que é característica, e provavelmente exclusiva, das ex-colegas de quarto. As duas tinham um laço ainda mais forte; nenhuma delas se formou. Eloise abandonou a universidade no meio do segundo ano, em 1942, uma semana depois de ter sido flagrada com um soldado num elevador fechado do terceiro andar do alojamento. Mary Jane abandonou — mesmo ano, mesma turma, quase no mesmo mês — para se casar com um cadete da aeronáutica [...] (SALINGER, 2020, n. p.³).

Considerando o cenário histórico e social em que se passa o enredo podemos entender que enquanto Mary Jane desistiu honrosamente de seus estudos ao optar pelo casamento, Eloise (supondo que não tenha sido, na verdade, expulsa) provavelmente largou sua vida acadêmica por conta da situação embaraçosa em que foi encontrada. Por mais que o conto, a princípio, aproxime ambas as personagens ao mostrar algumas semelhanças e conexões significativas entre elas, a ênfase que é dada nessa relação pode ser uma estratégia para ressaltar, em seguida, as suas diferenças. De acordo com Vickroy (2015, p. 9, tradução minha), “Escritores da literatura sobre trauma justapõem as vítimas em contraposição com outros personagens para ajudar os leitores a compreenderem quais seriam os comportamentos esperados ou desejáveis em determinadas circunstâncias”. Embora nesta época Eloise ainda não havia sofrido com o abalo emocional pela morte de seu amado, o autor já fornece algumas indicativas de que talvez sua protagonista tenha dificuldades para se enquadrar nos padrões de sua sociedade.

Outra característica, essa mais evidente e também perceptível desde o começo, é a discrepância entre as amigas nas *attitudes* de cada uma. Ainda considerando os chamados “padrões sociais”, percebe-se como o comportamento de Eloise não condiz com o de seus papéis enquanto mulher, mãe, esposa, dona de casa e classe afluyente nos Estados Unidos do século XX. Descrita constantemente como se estivesse largada – seja

³ Como a obra a que se teve acesso se encontra em formato de *e-book*, mais especificamente como *mobi*, e o dispositivo de leitura digital não permite a visualização de páginas, mas de posições que variam conforme a formatação utilizada por cada usuário e aparelho, as citações destacadas que pertencem ao objeto de pesquisa serão apontadas como “n. p.” (não paginadas).

no sofá ou até mesmo no chão – a protagonista parece não se importar com quaisquer convenções e age sempre com desleixo como se nada lhe fosse importante.

Nem mesmo com a sua filha Eloise parece preocupar-se. “Ramona, filha de Eloise, é a personagem que melhor revela a extensão desse problema. Um dos primeiros aspectos da relação entre as duas é a forma como Eloise delega sua função de mãe à empregada” (CARVALHO, 2013, p. 41). Em diversas passagens a interação da protagonista com a menina se resume a dar ordens e dispensá-la aos cuidados de Grace, a empregada. “‘Ramona’, Eloise gritou, de olhos fechados, ‘vá lá pra cozinha e deixe a Grace tirar suas galochas’” (SALINGER, 2020, n. p.). Essa negligência da personagem pode ser vista tanto como um desafeto pela criança, afinal, ela é o fruto de um casamento infeliz, mas também como um reflexo da sua própria incapacidade em relacionar-se com o seu entorno. Maria Root (1992 *apud* VICKROY, 2015) explica que o trauma interfere na faculdade ética dos sujeitos de forma que, muitas vezes, eles se tornam inaptos a cuidarem de si mesmos ou de outros por perderem a sua capacidade empática.

Mary Jane, por outro lado, está sempre consciente de sua postura, preocupando-se com a sua imagem e os seus modos, além de reagir adequadamente a cada situação.

Com reduzida capacidade, ou capacidade nenhuma, de ficar sozinha num cômodo, Mary Jane se levantou e foi até a janela. Ela afastou a cortina e apoiou o pulso numa das travessas entre os painéis de vidro, mas, sentindo poeira, tirou o pulso dali, limpou com a outra mão e adotou uma postura mais ereta [...] (SALINGER, 2020, n. p.).

Podemos inferir pelo trecho que nem Eloise está atenta aos serviços de sua empregada – assim como no episódio do cigarro –, nem ela mesma enquanto dona de casa pareceu preocupar-se com o estado do ambiente. Deste modo, mesmo que Mary Jane tivesse agido por impulso ao elevar-se depois de perceber a sujeira, a personagem transmite uma impressão de superioridade, revelando ter ciência sobre a sua posição social. Ainda, no momento adiante em que Ramona entra em cena, a visitante faz comentários carinhosos e interessados sobre a criança, mostrando seu afeto e preocupação. “‘Como é que está a vista dela [Ramona] agora?’, Mary Jane perguntou. ‘Assim, não piorou, né?’ ‘Cruzes, não que eu saiba’” (SALINGER, 2020, n. p.). Apesar da resposta sarcástica da mãe, a ex-colega continua demonstrando solidariedade com a condição da menina.

Somada a essas diferenças “[...] vale a pena assinalar que Eloise passa o tempo inteiro bebendo e que o efeito do álcool não provoca euforia ou satisfação, mas faz com

que a agressividade da personagem se exacerbe, tornando seus comentários mais ríspidos e ácidos” (CARVALHO, 2013, p. 41). Ou seja, não apenas a protagonista criou um hábito prejudicial para si mesma como tornou-o um elemento corrosivo para os seus relacionamentos. Se observada a forma com que Eloise se dirige aos demais, sejam eles ex-colegas, a empregada, a própria Mary Jane ou até mesmo sua família, veremos que ela sempre fala em um tom de desdém ou insignificância. “Eloise, você está virando uma desalmada” (SALINGER, 2020, n. p.) é um dos comentários da sua amiga. Como é de se esperar, porém, Walt é a única exceção desses seus disparates.

No trecho a seguir vê-se tanto o referido contraste entre os ajustes sociais – com a ex-colega reconhecendo seu limite para o álcool e a insistência da outra em fazê-la tomar mais uma dose – quanto o modo com que Eloise se dirige à Mary Jane.

“Esse é definitivamente o último pra mim!”, Mary Jane gritou para ela. “Mas nem a pau. Quem foi que ligou pra quem? E quem foi que chegou duas horas atrasada? A senhora vai ficar aqui até eu cansar da sua cara. Que se dane essa sua carreirinha de nada (SALINGER, 2020, n. p.).

Essas atitudes que a ex-colega encara como supostas “brincadeiras” podem revelar, na verdade, o caráter egoísta e controlador da protagonista, bem como o seu próprio estado traumático. Isso porque o trauma pode ser “[...] manifestado na forma de ego ferido e em tentativas destrutivas de reivindicar por reconhecimento que tendem a machucar os outros e, conseqüentemente, resultar em seu isolamento” (VICKROY, 2015, p. 12, tradução minha). Assim, consoante à sua incapacidade de ser responsável por si e pelos outros, o descaso e narcisismo expressados pela protagonista juntamente com as sugestões dadas pela narrativa reforçam a representação desse seu estado traumático.

De modo geral, esse sentimento de fracasso amoroso e pessoal da protagonista também pode ser percebido pelo ciúmes que ela sente da independência, autonomia e liberdade da sua ex-colega; que ao julgar-se infeliz no matrimônio, divorciou-se e garantiu o seu próprio sustento. É comum, explica Van der Kolk (2007, p. 15, tradução minha), que o trauma “[...] venha acompanhado de um sentimento intenso de humilhação; de sentir-se ameaçado, desamparado e fora de controle”. Na narrativa, percebe-se que o uso pejorativo do termo “trabalhadora” “[...] é repetido por Eloise diversas vezes de forma sarcástica, sugerindo que a dona de casa teria inveja da amiga” (CARVALHO, 2013, p. 43). No próprio desenrolar da história quando a protagonista está contando sobre Walt para Mary Jane, ela quase chega a admitir essa sua aflição, mas é interrompida. “Vai por

mim, não tinha como ser’, Eloise disse. Ela pensou um momento, depois disse, ‘Pelo menos você tem emprego. Assim, pelo menos você —’ (SALINGER, 2020, n. p.).

Nem mesmo na esfera familiar as relações de Eloise são melhores. Ao contrário, mostram-se ainda mais fragilizadas. As inferências da passagem abaixo não se resumem à sua relação com a sogra, mas sugerem como a protagonista possivelmente sequer possui laços com a *sua* própria família.

[...] “Onde foi que você arranjou isso aí?” “Isso?”, disse Mary Jane, tocando um broche de camafeu que tinha na garganta. “Eu já tinha isso no tempo da universidade, meu Deus. Era da minha mãe.” “Jesus”, Eloise disse, com os copos vazios nas mãos. “Eu não tenho nenhuma dessas porcarias sagradas pra usar. Se um dia a mãe do Lew morrer — ha, ha —, ela provavelmente vai me deixar um picador de gelo antigo, com as iniciais dela.” “Como é que você está se dando com ela ultimamente, afinal?” “Engraçadinha”, Eloise disse enquanto seguia para a cozinha (SALINGER, 2020, n. p.).

Ao insinuar, primeiramente, que a mãe de Lew jamais iria algum dia morrer, ou seja, de que ela nunca conseguiria se libertar dela, já notamos que a personagem deve ver sua sogra, no mínimo, como um incômodo. É a imagem do picador de gelo, porém, que efetivamente retrata o relacionamento entre as duas. Para André Carvalho (2013, p. 41) “Esse dado nos ajuda a construir a ideia de que as relações familiares de Eloise estavam desgastadas – o picador de gelo como um objeto que remete tanto à frieza de sentimentos quanto à agressividade que extravasa das palavras dela”. Além disso, ao dizer que não tinha “nenhuma dessas porcarias sagradas” podemos deduzir que ela não possui quaisquer heranças ou objetos de valor afetivo de sua família. Este pode ser um dos motivos pelos quais, depois da morte de Walt, a personagem se submeteu a um casamento sem amor. Por ter abandonado a universidade e estar desamparada emocionalmente – provável também que financeiramente – essa pode ter lhe parecido a alternativa mais viável.

Com relação ao seu marido, Lew, as atitudes de Eloise parecem ser mais ofensivas e ela insiste em reforçar sua frustração frisando a inferioridade dele em comparação à Walt. Em diversos momentos da história, por exemplo, Eloise revela como a união deles baseia-se em cinismo e desonestidade. Características essas que fazem parte, inclusive, desde o começo do relacionamento.

“Bom, mas aí casou com ele por quê, então?” Mary Jane disse. “Ah, Jesus! Sei lá. Ele me disse que adorava Jane Austen. Ele me disse que os livros dela eram muito importantes pra ele. Foi exatamente o que ele disse. Eu descobri, depois que a gente tinha casado, que ele nunca leu um livro dela (SALINGER, 2020, n. p.)

Os únicos comentários que a personagem faz em relação a Lew são para afirmar seu descontentamento tanto com ele quanto com o matrimônio.

“Por quê? Porque ele é tapado pra cacete, minha filha”, Eloise disse. “Além de tudo. Escuta aqui, trabalhadora. Se um dia você casar de novo, não conte nada pro seu marido. Está me ouvindo?” “Por quê?”, disse Mary Jane. “Porque eu mandei, e pronto”, disse Eloise (SALINGER, 2020, n. p.).

A protagonista, por outro lado, não aparenta querer estabelecer uma ligação ou mesmo procurar conhecer o seu atual companheiro como nota-se em sua resposta à pergunta de Mary Jane se ele não teria senso de humor: “Ah, meu Deus! Vai saber? Tem. Acho que tem sim. Ele ri dos cartuns e tal” (SALINGER, 2020, n. p.). Torna-se evidente que, em comparação com as memórias que Eloise nos apresenta sobre Walt, seu marido está invariavelmente longe de lhe causar o mesmo bem. Todavia, em se tratando das circunstâncias do trauma de Eloise, não podemos excluir a possibilidade de que muitas dessas lembranças são, na verdade, construções mais positivas sobre seu passado do que talvez elas tenham sido de fato. De acordo com Carvalho (2013, p. 44), por se tratar de uma “[...] rememoração, provavelmente idealizada [...], o personagem de Walt deve ser compreendido como uma construção subjetiva de Eloise, como o artifício que uma dona de casa criou para lidar com sua deplorável condição atual”. Isso porque, como explica Van der Kolk (2007), é possível que a memória seja alterada de acordo com o impacto emocional de uma experiência. Percebe-se, pois, que a reclusão de Eloise pode ser o resultado dos efeitos que o trauma lhe causou, mas também parte da sua insistência em vangloriar e tentar reviver (mesmo que no imaginário) as experiências do seu passado. Para Vickroy (2015), além da questão da fragmentação pessoal e social, uma das consequências do trauma é a forma com que ele torna o sujeito alienado. Logo, somado ao sofrimento da perda, toda vez que a protagonista se afunda nas lembranças de Walt, ela se desloca da realidade, de si mesma e dos outros; o que, por conseguinte, acaba gerando um ciclo vicioso e tornando esses distanciamentos cada vez maiores.

Essa repulsa pelo presente, principalmente naquilo que envolve a sua vida familiar, percebe-se igualmente em como Eloise se sente no espaço de sua casa. “Eu não suporto nenhuma almofada da droga dessa casa”, ou ainda, “Eu odeio a droga desse tapete mesmo” (SALINGER, 2020, n. p.). Verifica-se no contexto das expressões da protagonista que essa sensação de desconforto está aludindo não necessariamente aos

objetos em si, mas a um sentido mais amplo que se estende a tudo e a todos que fazem parte daquele ambiente.

A personagem, contudo, somente se conscientiza de seu quadro depressivo e estagnação no tempo, isto é, do trauma, quando repara na simulação de Ramona com seus namorados imaginários enquanto uma repetição da sua própria história. Carvalho (2013, p. 46) explica que “[...] as crianças têm um papel fundamental no desenvolvimento da crise dos protagonistas [nas obras de Salinger]: elas marcam o limite entre o aceitável e o inaceitável, obrigando os adultos a reverem suas próprias condutas”. Assim, é a partir do papel da filha que tanto Eloise quanto os leitores passam a perceber a trama em que ela está laçada.

Uma das primeiras evidências desse reflexo de Ramona diz respeito a criação imagética de seu principal namorado imaginário. Da mesma forma que Walt era militar e, portanto, podia ser visto como um herói, Jimmy, ao estilo infantil, é um garoto que porta uma espada e usa botas (não meras galochas!), traços que também remetem à tradicional concepção de herói. A segunda semelhança é a morte de ambos e, mais ainda, a *forma* como eles morrem. Logo após Eloise contar *pela primeira vez* para a amiga como Walt veio a falecer, Ramona retorna para dentro de casa e relata, antes para Mary Jane e depois, pressionada, para a mãe que seu namorado foi atropelado. Walt também morreu repentinamente, no caso, em uma explosão. Para Eloise, no entanto, esse sequer foi um desfecho digno como percebe-se pelos trechos a seguir: ““Enfim, estava cheio de gasolina e essas porcarias, e o treco explodiu na cara deles. O outro sujeito só perdeu um olho”” e “[...] *se* contasse, eu ia dizer que ele foi morto em combate” (SALINGER, 2020, n. p.). Vê-se, pois, que ambos tiveram um fim de forma abrupta e, de certo modo, de um jeito “banal”, nada honroso como a personagem insinua que deveria, ao menos, ter sido.

Após descobrir sobre a morte de Jimmy, Eloise demonstra pela primeira vez no conto uma aproximação com a criança e, verificando seu estado febril, manda-a para o quarto avisando que logo irá se encontrar com ela. Entretanto, ao entrar no aposento e notar que Ramona estava novamente encolhida na cama para dar espaço ao seu novo namorado imaginário, a protagonista se enfurece; provavelmente por não suportar ver a filha cometendo o mesmo erro que o seu de tão logo ceder-se a outra pessoa. Eloise, conseqüentemente, força a menina a retomar seu lugar, uma correção que sugere a sua tentativa em não deixar que Ramona se submeta ao seu mesmo destino e infelicidade.

“Ramona. Acorda. *Acorda.*” Ramona estava dormindo bem num cantinho da cama, com a nádega direita fora do colchão. Seus óculos estavam sobre um pequeno criado-mudo do Pato Donald, dobrados direitinho, hastes para baixo. “*Ramona!*” A criança acordou puxando forte a respiração. Seus olhos se abriram bem, mas quase no mesmo instante ela os apertou. “Mamãe?” “Eu pensei que você tinha me dito que o Jimmy Jimmereeno morreu atropelado.” “O quê?” “Você me escudou”, Eloise disse. “Por que é que você está dormindo toda encolhida aqui?” “Porque sim”, disse Ramona. “Porque sim, nada. Ramona, eu não estou no clima de —” “Porque eu não quero machucar o Mickey.” “*Quem?*” “O Mickey”, disse Ramona, esfregando o nariz. “Mickey Mickeranno.” Eloise levantou a voz, que se tornou um grito agudo, “Você vá já pro meio dessa cama. *Anda*”. Ramona, extremamente assustada, só ficou olhando para Eloise. “Tudo bem, então.” Eloise agarrou os tornozelos de Ramona e meio ergueu meio arrastou seu corpo até o meio da cama. Ramona nem resistiu nem chorou; ela se deixou ser puxada sem de fato ceder ao gesto. “Agora durma”, Eloise disse, respirando pesado. “Feche os olhos... Você me ouviu, *feche.*” Ramona fechou os olhos. (SALINGER, 2020, n. p.)

Considerando a noção clássica de que “os filhos repetem os comportamentos dos pais” vemos como Eloise insistia em reproduzir hábitos que, de alguma forma, evocassem Walt. Afinal, durante todo este tempo o “herói Jimmy” esteve vivo e acompanhando a menina em todos os lugares. “[...] Pra mim é o dia inteiro isso aí. O Jimmy come com ela. Toma banho com ela. Dorme com ela. Ela dorme toda encolhida num canto da cama, pra não rolar e machucar o Jimmy” (SALINGER, 2020, n. p.). Assumindo, portanto, essa brincadeira de Ramona como uma representação daquilo que ela percebia e tentava reproduzir dos relacionamentos de sua mãe, percebemos como as atitudes de Eloise estiveram durante todo esse tempo voltadas quase que exclusivamente para Walt. Isso se torna mais uma evidência de seu estado traumático, já que, como argumenta Van der Kolk (2007, p. 6, tradução minha), “A diferença entre pessoas que desenvolvem TEPT [Transtorno de Estresse Pós-Traumático] daquelas que estão temporariamente estressadas está no fato de que elas começam a organizar sua vida em torno do trauma”, tal como aconteceu com a protagonista.

Outro paralelo entre mãe e filha que a narrativa nos permite estabelecer é a dificuldade de ambas em “enxergar”. Enquanto no caso da criança se trata de uma deficiência de grau elevado, mas física, Eloise teria essa mesma incapacidade de ver ao seu redor no âmbito emocional.

Eloise foi até o interruptor e apagou a luz. Mas ficou muito tempo ali na porta. Então, subitamente, foi apressada até o criado-mudo, batendo com o joelho no pé da cama, mas determinada demais para sentir qualquer dor. Pegou os óculos de Ramona e, segurando-os com as duas mãos, apertou-os contra o rosto. Lágrimas correram por sua face, molhando as lentes. “Coitadinho do tio Novelo”, ela disse várias vezes. Finalmente, colocou os óculos de novo no criado-mudo, com as lentes para baixo (SALINGER, 2020, n. p.)

Ao repetir a carinhosa frase de Walt, que serve como o título⁴ ao conto, e apertar os óculos contra sua face, posicionando-os depois erroneamente na superfície – “[...] colocou os óculos de novo no criado-mudo, com as lentes para baixo” (SALINGER, 2020, n. p) –, ao contrário de como antes Ramona havia colocado – “Seus óculos estavam sobre um pequeno criado-mudo do Pato Donald, dobrados direitinho, hastes para baixo” (SALINGER, 2020, n. p.) –, podemos interpretar o gesto como uma espécie de aceitação em deixar as memórias de seu passado onde elas pertencem e aproximação com o presente, ainda que de forma distorcida.

A percepção da personagem sobre seu infortúnio se torna efetivamente nítida no fechamento do conto quando Eloise vê a mudança entre quem ela *era* e quem ela *se tornou*. Conforme os apontamentos de Vickroy (2015), a pessoa que sofre com esse transtorno psicológico pode criar certas estratégias para disfarçar sua situação ou fingir controle sob ela, porém se algum gatilho relacionado ao trauma for acionado essas emoções reprimidas podem voltar à tona. Este é o caso de Eloise que, ao se ver espelhada na representação de Ramona com Jimmy, percebe, provavelmente pela primeira vez, a sua fragmentação pessoal. Tal aspecto é notório na última cena do conto quando, após sair do quarto da filha, a personagem desaba:

“Mary Jane. Escuta. Por favor”, Eloise disse, soluçando. “Lembra no nosso ano de calouras, que eu tinha aquele vestidinho marrom e amarelo que eu comprei em Boise, e a Miriam Ball me disse que ninguém usava aquele tipo de vestido em Nova York, e eu passei a noite inteira chorando?” Eloise sacudiu o braço de Mary Jane. “Eu era uma boa menina”, ela suplicava, “não era?” (SALINGER, 2020, n. p.)

A inocência de quem chorava por um comentário maldoso ou de quem via graça em um trocadilho sobre “tio novelo” e “tornozelo”, enfim, de alguém que se martirizava por frivolidades marcam essa distinção entre o sofrimento da protagonista no *antes* e no *depois* de seu episódio traumático. Revelam, da mesma forma, o porquê de Eloise buscar viver das lembranças de uma época em que se julgava feliz e de como, conseqüentemente, veio a se fechar cada vez mais para o mundo, para os outros, mas principalmente para si

⁴ Provavelmente uma das lembranças mais afetuosas de Eloise em relação a Walt. A explicação do título acontece no próprio conto quando ele se torna o assunto entre as amigas. “‘Uma vez’, ela disse, ‘eu caí. Eu ficava sempre esperando por ele no ponto de ônibus, bem na frente da Base, e um dia ele chegou atrasado, justo na hora que o ônibus ia saindo. A gente foi correr pra pegar e eu caí e torci o tornozelo. Ele disse, ‘Coitadinho do tio Novelo’. Ele estava falando do meu tornozelo. Coitadinho do tio Novelo, ele disse... Jesus, como ele era bacana’” (SALINGER, 2020, n. p.).

mesma. “O caráter trágico de Eloise, portanto, vem do fato de que ela é obrigada a reconhecer que sua potencialidade foi jogada fora” (CARVALHO, 2013, p. 48).

De modo geral, percebe-se como o trauma se insere em uma relação entre o passado e o presente dentro da obra. Aspecto este que, segundo Vickroy (2015, p. 24, tradução minha), podem ser percebidos através dos sentimentos de “[...] repressão, separação entre um ‘eu’ do passado e um ‘eu’ do presente, silêncio sobre aquilo que aconteceu [...], alienação e reclusão [...]”. Recapitulando brevemente, a *repressão* pôde ser identificada na sensação de humilhação e na inveja que Eloise sentia de Mary Jane. A *separação* entre quem ela era antes e depois da morte de Walt torna-se explícita ao final do conto, quando a protagonista reconhece a perda de suas qualidades e de um futuro promissor. O *silêncio*, pelo menos no que concerne à forma como seu amado morreu, esteve presente durante anos, tempo suficiente para que, como nos permite a interpretar a obra, ela casasse e tivesse uma criança já crescida. Por fim, a *alienação e reclusão*, como foram propriamente pontuadas na análise, devem-se ao descaso que Eloise tinha tanto com o seu redor quanto com os outros, de forma que, invariavelmente, resultaram em sua própria segregação.

Outras características que puderam ser observadas e, neste caso, apontadas por Van der Kolk (2007) são: relacionamentos prejudicados, autodestruição e uma nova etapa de vitimização. Todos igualmente identificados na leitura desta representação do trauma sendo, respectivamente, o distanciamento social, o alcoolismo junto à degradação pessoal e, por fim, a consciência de como sua vida foi desperdiçada.

Os efeitos deste transtorno, portanto, estiveram refletidos no modo como Eloise pareceu reduzir gradualmente sua vida às lembranças de Walt.

Conclusão

Diante da análise apresentada sobre a protagonista de “O Tio Novelo em Connecticut” (2020) pudemos observar como a representação do trauma esteve presente tanto nas atitudes e manifestações emocionais da personagem quanto nos próprios mecanismos narrativos empregados por J. D. Salinger. A interdisciplinaridade do diálogo estabelecido permitiu enriquecer a compreensão dos traços de Eloise que denotavam este seu quadro psicológico, principalmente no que concerne ao papel da memória. Isto porque, apesar da morte de Walt ter sido o elemento causador do trauma, verificou-se

como a sua idealização é que possivelmente culminou no transtorno ou, ao menos, no agravamento do mesmo.

Os apontamentos de Laurie Vickroy (2015) acerca da literatura sobre trauma que guiaram amplamente a perspectiva e proposta desta pesquisa puderam ser complementados por entendimentos que não estão voltados necessariamente ao plano literário. A relevância encontra-se na apuração das características que permitiram as interpretações referentes à personagem, mas também à obra. Assim, conforme discutido anteriormente, ainda que o conto não possa ser encarado enquanto *trauma literature*, percebeu-se como a construção narrativa de Salinger possibilita levar seus leitores a interpretarem as incongruências, paralelos e contrastes aos quais Eloise é submetida durante a história.

Finalmente, considera-se que mesmo em se tratando de um conto, isto é, de uma representação, o material apresentado proporciona mecanismos e perspectivas condizentes para o aprofundamento de certos saberes que ultrapassam os limites traçados entre áreas do conhecimento e englobam a complexidade humana tal como ela é. Se durante a vida nem sempre podemos nos ater à reflexão das experiências e demais formas de representação ao nosso redor, a literatura, neste sentido, nos permite vislumbrar uma das diversas facetas que se fazem presentes na nossa realidade. Logo, “[...] o romance não é significativo por descrever pedagogicamente um destino alheio, mas porque esse destino alheio, graças à chama que o consome, pode dar-nos o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino” (BENJAMIN, 2012, p. 214).

Referências

ADORNO, T. W. Posição do Narrador no Romance Contemporâneo. In: ADORNO, T. W. *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003. p. 55 - 63.

BENJAMIN, W. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 197 - 221.

CARVALHO, A. F. G. *Sensibilidade e Observação Social em Nine Stories de J. D. Salinger*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2013.

EAGLETON, T. *Como Ler Literatura*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2020.

RINGEL, S. History and Development of Trauma Theory: Discussion of Main Concepts. In: JERROLD R. BRANDELL; SHOSHANA RINGEL (Ed.). *Trauma: Contemporary Directions in Trauma Theory, Research, and Practice*. New York: Columbia University Press, 2019. n. p. *E-book*.

RUDGE, A. M. *Trauma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SALINGER, J. D. “O Tio Novelo em Connecticut”. In: *Nove Histórias*. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Todavia, 2020. n. p. *E-book*.

VAN DER KOLK, B. A.; MCFARLANE, A. C. The Black Hole of Trauma. In: VAN DER KOLK, B. A.; MCFARLANE, A. C.; WEISAETH, L. (Ed.). *Traumatic Stress: The Effects of Overwhelming Experience on Mind, Body and Society*. New York: The Guildford Press, 2007. p. 3 - 23.

VAN DER KOLK, B. A. Trauma and Memory. In: VAN DER KOLK, B. A.; MCFARLANE, A. C.; WEISAETH, L. (Ed.). *Traumatic Stress: The Effects of Overwhelming Experience on Mind, Body and Society*. New York: The Guildford Press, 2007. p. 279 - 302.

VICKROY, L. Ways of Reading Trauma. In: VICKROY, L. *Reading Trauma Narratives: The Contemporary Novel and the Psychology of Oppression*. Charlottesville: University of Virginia Press. 2015. p. 1 - 32. *E-book*.